

A escola mata a criatividade?

Para desenvolver o pensamento criativo nas nossas crianças e jovens, vamos ter que primeiro reinventar a educação

Por Ana Maria Diniz

Fundadora do Instituto Península, que atua na formação de professores; é empresária e conselheira do Todos pela Educação e Parceiros pela Educação

Valor, 15/07/2024

O povo brasileiro é muito criativo, para alguns o mais criativo do mundo. A criatividade do brasileiro brilha nas artes, na arquitetura, na música e na publicidade, é referência e destaca o país no palco global. Esse mesmo potencial criativo está por trás da nossa vocação para o empreendedorismo. Era de se esperar que os jovens brasileiros que participaram da mais recente edição do Pisa, a primeira a testar a criatividade dos estudantes, dessem um verdadeiro show neste quesito.

Mas aconteceu o contrário neste último ranking da OCDE que mede a qualidade da educação. O Brasil ficou no final da fila, entre os piores do planeta em pensamento criativo, segundo o relatório, recém-divulgado. Dentre 64 países, ficamos em 49º lugar, ao lado de nações que são a última bolacha murcha do pacote no tangente ao ensino, como Cazaquistão, Peru e Panamá. Na avaliação, mais da metade dos alunos brasileiros de 15 anos (54,3%) ficou abaixo do nível básico e só 10% tiveram um desempenho alto. Em Cingapura, Coreia do Sul e Canadá, 70% dos alunos alcançaram o maior nível.

Os testes do Pisa avaliaram três aspectos da criatividade: a capacidade de pensar diferente, de gerar ideias originais e de melhorar as ideias de outros. Na prática, os alunos tinham que escrever uma tirinha com um diálogo entre o Sol e a Terra, elaborar um texto sobre a importância das abelhas e dar sugestões para tornar uma biblioteca mais acessível para deficientes. Como se vê, as questões não eram nada do outro mundo, nem exigiam a genialidade de um Nikola Tesla. Então, por que os jovens brasileiros se saíram tão mal na prova? Somos ou não criativos?

Uma hipótese é que o nosso modelo de escola está matando a criatividade do brasileiro. E a criatividade é uma habilidade essencial para todas as áreas da educação e da vida cotidiana.

Por muito tempo considerada um talento individual, a criatividade se tornou competência-chave para o sucesso em um mundo em constante mudança. Ela é crucial na resolução de problemas e na capacidade de inovar e de se adaptar. À medida que a inteligência artificial

avança, a importância da criatividade aumenta, já que é menos suscetível à automação. A criatividade também é um poderoso estímulo para a própria aprendizagem, estimulando funções cognitivas e o desenvolvimento emocional.

A percepção mais comum de criatividade é que ela se limita ao mundo das artes. Mas, na verdade, ela é muito maior do que isso. Quando associamos o raciocínio lógico adicionando o nosso viés criativo, somos capazes de descobrir novos caminhos para solucionar problemas reais e muito concretos. Outro entendimento é que a criatividade é um dom natural de poucos sortudos que nasceram com ele. É verdade que há pessoas que já têm um raciocínio mais desestruturado, contestador, que exacerbam a capacidade de pensar “fora da caixa”. Porém, a criatividade pode ser desenvolvida e fortalecida por meio de estratégias específicas e intencionais.

Atualmente, a criatividade está associada a duas competências fundamentais: a inovação, sendo esta a capacidade de criar algo que não existe ou que nunca foi pensado, e o propósito, como o drive principal para encontrar caminhos alternativos para se atingir um objetivo pré-definido. Mas a nossa relação com a criatividade é bem mais antiga. No livro “The Evolution of Imagination”, o antropólogo americano Stephen Asma demonstra que a imaginação é a arma evolutiva que nos permitiu chegar até aqui. Porém, à medida que progredimos como espécie, em vez de sermos instigados a aprimorar o nosso potencial criativo, fomos estimulados a abandoná-lo.

Essa mesma dinâmica se repete no campo individual, no decorrer de nossas vidas. Isso foi demonstrado no estudo seminal de George Land e Beth Jarman, de 1968, que mediu e acompanhou a evolução do potencial criativo de 1.600 crianças ao longo de dez anos. Os primeiros testes foram aplicados quando as crianças tinham 5 anos. Nessa etapa, 98% delas pontuaram no que os pesquisadores classificaram como categoria “gênio”. Cinco anos depois, quando elas estavam com 10 anos, esse percentual caiu para 32%. Mais cinco anos depois, aos 15 anos, baixou para 10%. O mesmo teste foi aplicado anos depois em 280 mil adultos, dos quais só 2% atingiram a gradação máxima.

Nas últimas décadas, pesquisadores têm se dedicado a entender mais a fundo a criatividade. Os estudos mais recentes focam na identificação de traços comuns entre as pessoas criativas. Um deles é a alternância entre o pensamento divergente, que consiste em abrir caminhos e achar o maior número de ideias para solucionar um determinado problema, com o pensamento convergente, que é a capacidade de selecionar quais dentre essas ideias são as mais promissoras. Outro é a transversalidade, a capacidade em cruzar conhecimentos e chegar a novas conclusões.

Resumindo, para gerar novas ideias é preciso pensar diferente, às vezes pensar no avesso, e, claro, ter repertório, nada se cria no vácuo. E o que a escola brasileira tem a ver com isso? Tudo. No Brasil, as escolas não ensinam sequer o básico e não usam métodos comprovados para estimular a criatividade, como o aprendizado por projetos ou entre pares, como um aluno ensinando ou instigando o outro a pensar. Executamos a educação de forma mecânica, chata, antiga, contrariando as evidências e as experiências bem-sucedidas no ensino.

Como diz Sir Ken Robinson no TED Talk “As escolas matam a criatividade?”, se você não estiver preparado para errar, nunca criará nada original. Para desenvolver o pensamento criativo nas nossas crianças e jovens, vamos ter que primeiro reinventar a educação. Pode não dar certo na primeira, na décima ou na centésima vez, mas temos que continuar acreditando que vai dar certo, até achar e implementar a melhor solução. Isso é criatividade!